

Paisagem e Património

***seminário interdisciplinar de investigação* | sexta-feira, 17h-19h30**

[**S1**: 11/10/2013; **S2**: 25/10/2013; **S3**: 29/11/2013; **S4**: 13/12/2013;

S5: 17/01/2014; **S6**: 14/02/2014; **S7**: 21/03/2014; **Colóquio**: 01-02/04/2014; **S8**: 09/05/2014]

Em 1986, o centro histórico da cidade de Évora foi classificado Património Mundial da Humanidade. Para comemorar o 25º aniversário desta data importante, o Centro de História da Arte e de Investigação Artística/CHAIA da Universidade de Évora criou o **Seminário Interdisciplinar de Investigação** sobre **Paisagem e Património**. 2011 foi também o ano em que a Universidade de Évora comemorou o 30º aniversário da criação da sua licenciatura de arquitetura paisagista (1981). Juntamente com a licenciatura criada no mesmo ano pelo Instituto Superior de Agronomia em Lisboa, este diploma marcava então o início do ensino autónomo da disciplina em Portugal.

O Seminário abre um espaço de reflexão em torno de dois conceitos hoje sobrepostos, devido às importantes implicações económicas que lhes estão associadas. No decurso das décadas de 1970/80, num contexto de profundas transformações económicas e sociais, a noção de património impõe-se junto do grande público. A partir dessa altura, na cultura ocidental, a conservação e a transmissão dos patrimónios materiais e imateriais passa a estar associada às questões da memória e da pertença identitária. Para o historiador francês Pierre Nora, a ruptura definitiva com as antigas tradições rurais e urbanas marca um ponto de viragem na nossa relação com o conceito de património. A perda das marcas identitárias conduz à era do “tudo é património”, que o historiador define como a passagem de um património de estado e nacional (herdado) para um património de tipo social e comunitário (reivindicado). Por outras palavras, o património sai da sua época (idade) *histórica* para entrar numa época (idade) *memorial* e as noções de memória e de identidade passam a ser indissociáveis do próprio termo de património.

A noção de que “tudo é património”, em torno da qual entretanto se construiu um importante sector da economia baseado no turismo cultural, encontra o seu equivalente na “omnipaisagem” descrita por Michael Jakob. Hoje em dia, o território também está na moda. Abandonado durante cinquenta anos, a paisagem seria reabilitada no decurso da década de 1980, quando se começou a pôr em causa o modelo de crescimento dominante e os seus impactos desastrosos para o ambiente. As iniciativas políticas tomadas pelos diferentes países europeus acabariam por inspirar uma política transnacional e por produzir uma ferramenta comum, a Convenção Europeia da Paisagem, que Portugal ratificou em 2005.

Dedicado à polissemia e às variadíssimas representações associadas aos conceitos de Paisagem e de Património, este Seminário é um espaço em que se debate, de maneira aprofundada e numa perspectiva interdisciplinar, os valores estético, emocional e de uso que lhes subjazem bem como os aspectos político, económico, cultural que regem a evolução destes dois conceitos ao longo do tempo.

PAISAGEM, PATRIMÓNIO E SOM

No primeiro ano do seminário *Paisagem e Património* (2011-2012) procurou-se fazer um estado da arte em matéria de conceitos, metodologias de trabalho, ângulos de abordagem preferenciais das várias áreas disciplinares que se têm debruçado sobre os dois objectos em estudo. Cruzaram-se perspectivas nacionais e internacionais, que balizaram o vasto campo polissémico em jogo.

A partir do segundo ano, este começou a ser analisado a partir dos cinco sentidos do homem (visão, audição, olfacto, paladar, tacto). Património e paisagem são habitualmente e preferencialmente “pensados” com e a partir do olho. As sessões de *Paisagem e Património II* (2012-2013) centraram-se, assim, nas representações e nos discursos visuais produzidos sobre ambos os objectos utilizando a viagem, e a deslocação em geral, como mote da vivência do espaço real, das suas representações (nas suas dimensões paisagística e patrimonial) e das dimensões ideológica e política, que revestem.

Com *Paisagem e Património III* (2013-2014) abordamos agora o Som, elemento frequentemente relegado para segundo plano, o que está em manifesta contradição com o impacto que tem na nossa apreciação da paisagem, mas também do património. Capacidade auditiva e sentido de equilíbrio são as duas funções do ouvido, que fazem dele um órgão do espaço tridimensional. A propagação relativamente lenta do som (330m p/segundo) permite-nos uma avaliação bastante fiável da profundidade do espaço. Por sua vez, o sistema auditivo tem uma capacidade de captação de estímulos bastante rápida: para evitar qualquer interferência ao nível da transmissão do som, uma música digital tem uma frequência rítmica de 1/40000 p/segundo (dados SIS). Contraponha-se a este dado a captação de 25 imagens p/segundo, que transformam uma sequência de imagens num filme movimentado.

Se é prática de longa data documentar/reconstituir/representar/recriar os elementos paisagísticos ou patrimoniais visíveis através da utilização de tecnologias cada vez mais sofisticadas, só muito mais recentemente se começaram a desenvolver trabalhos de investigação e novas ferramentas para captar, medir e representar a qualidade acústica – objectiva e subjectiva, mas estruturante - de um espaço, de um ambiente.

O Seminário explora as vertentes artística e científica da triangulação Paisagem, Património e Som e propõe um balanço da pesquisa nacional e internacional desenvolvida nos últimos quinze anos.

Os conferencistas convidados são músicos, compositores, entomusicólogos, fotógrafos, géógrafos, historiadores, historiadores de arte, arquitectos paisagistas, arquitectos...

Línguas de trabalho do Seminário: português, inglês, francês

2013

sexta-feira, 11 de Outubro
17h-19h30, sala 242 CES

Entre utopia e realidade: imagens, sons e cores do bairro de lata

Durante muito tempo, as favelas fizeram parte do imaginário urbano de Rio de Janeiro. Primeiro, serviram de mote para a utopia (a ideia era que nelas se vivia em comunidade, “cantando e dançando”). Num segundo tempo, serviram de mote para a distopia (quando passaram a ser identificados como lugares onde reinam a pobreza, a violência e o crime). Em qualquer dos casos, a percepção do real encontra-se parasitada pela imagética associada à favela. Se a arte contemporânea brasileira tem vindo a questionar e/ou a desconstruir este imaginário, a captação do som noutros bairros de lata como o de Dharavi (onde vivem e trabalham 600.000 pessoas), situado numa das capitais económicas e financeiras da Índia, Mumbai (antiga Bombaim), constitui outro veículo possível de desconstrução dos discursos estereotipados e perspectiva a importância do som enquanto agente criador e produtor de novas leituras.

Simone Kalkman, formada em História da Arte e em Estudos da América Latina, pelas Universidades de Leiden e de Utrecht, Holanda

Pedro Lobo, Fotógrafo (série *Arquitectura de sobrevivência* in www.lobofoto.com), investigador, CHAIA/Universidade de Évora

Moderadores: **Isabel Lopes Cardoso, Marta Sequeira**

sexta-feira, 25 de Outubro
17h-19h30, sala 242 CES

Escutar a identidade de um lugar e projectá-lo no futuro

Que influência é que a paisagem sonora tem no nosso quotidiano? Sendo nós responsáveis pela maior parte da emissão sonora dos espaços que habitamos, como é que pensamos e “desenhamos” a paisagem sonora da nossa cidade? Por outro lado, hoje é possível uma representação qualitativa da riqueza do espaço sonoro de um ambiente, através da aplicação de novos métodos (descritivos) de representação desse espaço. Cartografar o espaço sonoro e criar topografias da paisagem sonora tanto permite descrever uma situação existente como prever uma situação projectada. Nesta sessão, pretendemos confrontar experiências artísticas e científicas em curso. ECOS é um projecto de programação para a cidade Lisboa que pretende agregar reflexões, experiências e intervenções em torno da relação entre ESCUTA e LUGAR. Com o apoio da FCT, o Centro de Análise e de Processamento de Sinais do Instituto Superior Técnico de Lisboa (CAPS/IST) desenvolveu uma nova ferramenta descritiva de mapeamento, mensuração e previsão do espaço sonoro.

Mohammed Bazine Boubezari, Arquitecto chefe da empresa Parque Expo, investigador colaborador do Grupo de Acústica do Centro de Análise e Processamento de Sinais do Instituto Superior Técnico (CAPS/IST), director do projecto FCT *eyeHear, Cartas sonoras qualitativas para a visualização das paisagens sonoras urbanas* PTDC/AMB/73207/2006, representante português do grupo de reflexão COST-ACTION TD 0804 *Soundscape of European Cities and Landscapes*.

Osso (Nuno Torres ou Sara Morais) – A Associação Cultural é constituída por um colectivo de artistas de diferentes áreas: Música, Dança, Artes Plásticas, Literatura, Performance e Cinema.

Moderadores: **Miguel Padeiro, Rute de Sousa Matos**

sexta-feira, 29 de Novembro
17h-19h30, sala 242 CES

Entre o fragmento e a lacuna: a paisagem sonora como testemunho e elemento de (re) construção da memória.

Tal como a imagem, o som tem variadíssimas implicações na (re) construção da memória (por exemplo, nos estudos de traumatologia) e, por conseguinte, no modo como nos projectamos no futuro. Registrar, catalogar, restaurar, recriar são actos que tendem a compensar a ontológica incompletude da memória, constituída por fragmentos e lacunas. Até que ponto é possível (re)compor uma paisagem sonora comum – passada, presente, futura? Nesta sessão, propomo-nos reflectir sobre o papel do som enquanto experiência memorial individual e colectiva, cruzando narrativas e enunciados literários (som, ausência de som e silêncio também se escrevem com palavras) com o trabalho de catalogação e de recriação, realizado por músicos e compositores, em torno do património sonoro do centro histórico urbano do Porto.

Iain Foreman, Professor do Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, investigador do INET-md (Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança) UNL/UTL/UA. (a confirmar)

Centro de Documentação e Investigação do Património Sonoro do Porto (Eduardo Magalhães) – Projecto financiado no âmbito do Festival Manobras no Porto.

Moderação: **Paulo Simões Rodrigues, Conceição Freire**

sexta-feira, 13 de Dezembro

17h-19h30, sala 242 CES (ou sala 031 CES – a confirmar)

Caminhar, despertar o ouvido, reavivar a memória, criar

Existem alguns princípios fundamentais se quisermos uma sociedade sadia do ponto de vista acústico: o respeito pela voz e pela palavra, a noção do som, o despertar dos sentidos do ouvido. Preservar os sons que tendem a desaparecer e, ao mesmo tempo, estar atento aos sons que emergem dos vários estratos tecnológicos. Aceitar o silêncio, reforçá-lo, até, em certos momentos. Mas, acima de tudo, ouvir. Com esta sessão pretendemos reflectir sobre a identidade sonora do lugar, mas também explorar os conceitos de paisagem e de património em articulação com o som enquanto intervenção terapêutica, entendida *lato sensus*, e enquanto veículo de (re)criação de identidade.

Raquel Castro, professora de Realização na Universidade Lusíada de Lisboa e de Cinema como Instrumento de Intervenção Terapêutica na Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. Está a investigar, para doutoramento em Ciências da Comunicação na Universidade Nova, a Paisagem Sonora de Lisboa. (a confirmar)

Tiago Pereira, realizador, documentarista premiado nacional e internacionalmente, fundador da plataforma e do arquivo <http://amusicaportuguesaagostardelapropria.org> que explora o conceito de tradição e os fundamentos da memória colectiva, membro do projecto OMIRI

Moderador(a): **Aurora Carapinha** (a confirmar), **Pedro Lobo** (a confirmar)

2014 (programação definitiva em Novembro 2013)

Organização: CHAIA – Centro de História da Arte e de Investigação Artística, UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Parceria: Universidade de Sorbonne-Nouvelle, Paris III; Biblioteca de Arte, Fundação Calouste Gulbenkian

Concepção e coordenação, textos: Isabel Lopes Cardoso, CHAIA/UE

Direcção científica: Aurora Carapinha (Linha Paisagem e Estética da Paisagem, CHAIA/UE), Ilda Mendes dos Santos (Universidade de Sorbonne-Nouvelle, Paris III), Isabel Lopes Cardoso (Linha Paisagem e Estética da Paisagem, CHAIA/UE), Paulo Simões Rodrigues (Linha História da Arte, CHAIA/UE), Rute Sousa Matos (Linha Paisagem e Estética da Paisagem, CHAIA/UE)

Bibliografia: Ana Barata (Biblioteca de Arte/Fundação Calouste Gulbenkian)